



Valor Empresas 360

Acesse indicadores, gráficos, notícias e conteúdo exclusivo de uma empresa em um só lugar.**[Ver tudo sobre uma empresa →](#)**

PUBLICIDADE

Ranking socioambiental avalia bancos

Estudo elenca 30 temas em quatro blocos, com peso maior em gerenciamento de riscos

Por Álvaro Campos — De São Paulo

15/12/2022 05h02 · Atualizado há 4 dias

A Associação Soluções Inclusivas Sustentáveis (SIS), uma organização civil, divulgou um estudo no qual analisa os maiores bancos comerciais brasileiros de acordo com critérios socioambientais. O levantamento analisou tanto a carteira de crédito das instituições, ou seja, os empréstimos concedidos, como a carteira de investimentos (títulos e valores mobiliários detidos, incluindo as áreas de bancos de investimento e gestão de ativos).

O estudo considerou os sete maiores bancos em carteira de crédito, os dois maiores cooperativos e o Rabobank, escolhido por ter uma posição que a SIS considera de

destaque em critérios ambientais, sociais e de governança (ESG, na sigla em inglês). A filial do banco holandês, vista como uma espécie de referência pela organização, ficou com 28,91 pontos de um total de cem possíveis. Na sequência aparecem **BTG** (25,90), **Bradesco** (16,90), **Itaú** (16,50), Sicredi (16,30), **Santander** (12,56), Caixa (10,34), **Banco do Brasil** (10,22), Sicoob (6,85) e Safra (1,90).

A SIS argumenta que Rabobank, Sicoob e Sicredi foram incluídos na amostra para permitir um enfoque setorial e que o banco holandês é reconhecidamente uma das instituições globais mais sustentáveis do mundo, já recebeu premiações das maiores consultorias que atuam no tema e é um dos fundadores da Taskforce on Nature-related Financial Disclosures (TNFD). No estudo brasileiro, porém, o Rabobank pontua mal em alguns pontos, por ter apenas dados globais, sem detalhar informações da operação no Brasil.

A associação é nova, foi fundada em junho deste ano, mas sua criadora, Luciane Moessa, foi procuradora do Banco Central e estuda o tema desde 2014, quando fez pós-doutorado na USP/Università Luigi Bocconi. A metodologia avalia 30 temas sociais e ambientais, divididos em quatro blocos: gerenciamento de riscos (com peso de 55% na nota geral), produtos financeiros com impacto positivo (10%), composição do portfólio (25%) e governança da sustentabilidade (10%).

Moessa diz que existem rankings semelhantes, inclusive da Fair Finance Guidance International (FFGI), que no Brasil tem parceria com o Idec. Porém, muitos consideram somente informações divulgadas pelos próprios bancos em suas políticas e relatórios, não avaliando outras bases de dados, o que dificulta confrontar o que se diz e o que se faz.

A pesquisa da SIS listou 40 bases de dados públicas que poderiam ser consultadas pelos bancos para cumprir o que dizem em suas próprias políticas socioambientais, segundo Moessa, mas a instituição mais completa consulta menos de 15 dessas bases. Por exemplo, quase todos os bancos colocam em suas políticas que combatem o trabalho infantil, mas nenhum diz consultar as principais bases de dados públicas sobre o assunto. Na área ambiental, a lei obriga que seja verificada se a propriedade não é embargada, só que os bancos, de acordo com ela, consultam apenas o órgão federal (Ibama), sendo que a grande maioria das punições são aplicadas por órgãos estaduais.

“Pode até ser que os bancos consultem alguma bases de dados e não coloquem isso nas suas políticas socioambientais, mas ainda assim isso mostraria um problema de falta de seriedade, de superficialidade na avaliação de riscos”, comenta Moessa. Na avaliação da composição de portfólio, muitos não possuem políticas específicas por setor econômico, algo que já é comum nas instituições financeiras europeias há muitos anos. O ideal seria revelar, além do setor, a localização da empresa e seu perfil de risco. “Em setores de alto risco, como mineração, por exemplo, muitos bancos acabam usando como critério o faturamento da empresa ou o tamanho do empréstimo. Só que dessa forma operações menores, que podem ser as mais arriscadas, como um garimpo ilegal, por exemplo, acabam ficando sem uma verificação mínima.”

Para checar a relevância dos critérios socioambientais na tomada de decisão, a pesquisa da SIS analisa diversos critérios, inclusive os créditos negados quando as empresas não se enquadram nas políticas dos bancos. “Não adianta ter políticas extensas, áreas de sustentabilidade robustas, se o crédito nunca é negado”, diz Moessa. Também são verificadas ações de mitigação de risco.

Todos os bancos do ranking foram procurados, mas apenas Rabobank, BB, BTG e Sicoob se manifestaram até o fechamento desta edição. O Rabobank afirmou que investe em processos cada vez mais estruturados para incentivar a estratégia de sustentabilidade dos clientes, gerando impactos positivos em toda a cadeia produtiva do País. O BB disse que é reconhecido como um dos bancos mais sustentáveis do mundo em diversos índices e que conta com R\$ 321,2 bilhões de saldo em operações de crédito sustentável (mais de 30% da sua carteira de crédito total). BTG disse que a análise multidisciplinar de riscos sociais, ambientais e climáticos é aplicada de maneira transversal nos relacionamentos, financiamentos e investimentos. E Sicoob afirmou que no último ano estruturou um conjunto de iniciativas que evidencia o compromisso genuíno com a pauta.

Tudo sobre uma empresa

Acesse indicadores, gráficos, notícias e conteúdo exclusivo de uma empresa em um só lugar.